

## ARRUANDO PELO BECO: UM NOME DO PASSADO EVOCADO NO AFETO E NO DESAMOR DA GENTE DA CIDADE

**Bruno Maia Halley**

Doutorando em Geografia pela UFF e Pesquisador Associado do LECgeo da UFPE  
Rio de Janeiro-RJ - Email: [bhalleype@hotmail.com](mailto:bhalleype@hotmail.com)

### Resumo

Arruado estreito reservado aos humildes, o beco não despertou análise mais amíuêde ao longo dos anos na paisagem do Recife, não obstante os esforços de alguns autores que buscaram desvelar a real existência das ruas da cidade a partir de suas particularidades. Contudo, certo da magnitude de analisá-lo, o presente texto busca trazer à luz o significado do beco na capital pernambucana, partindo da sua origem à permanência desse arruado na cidade. Desse modo, uma revisitação num contexto mais amplo através da cultura popular urbana fez-se necessário para o entendimento desse lugar marginal que em face às características paradoxais, constituídas por um conjunto de valores e representações, é alvo de depreciações no imaginário urbano e de invocações que emanam apego e afeto ao lugar de vivência.

**Palavras-chave:** Beco, Recife, imaginário Urbano

### Abstract

Layout street narrow reserved for the humbles, the alley has not awakened analysis more often over the years in the Recife landscape, notwithstanding the efforts of some authors who sought to uncover the real existence of the city streets from their particularities. However, certain of the magnitude of analyze it, the text present seeks to bring to light the significance of the alley in the pernambucana capital, starting from its origin and permanence of this street layout in the city. Thereby, an revisiting a broader context through the urban popular culture became necessary to understanding this marginal place in face of the its paradoxical characteristics, constituted of a set of values and representations, is the target of depreciation in urban imaginary and of invocations that emanating attachment and affection to the place of living.

**Keywords:** Alley, Recife, Urban Imaginary

*Bem estreito e sujo como compete a um beco genuíno.  
Esquecido e abandonado, no destino resumido dos becos,  
no desamor da gente da cidade.*

Cora Coralina

*Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?  
O que eu vejo é o beco.*

Manuel Bandeira

## Adentrando no Beco

Arruado estreito reservado aos humildes da cidade, o beco sempre teve papel secundário nos estudos da paisagem urbana recifense. Por se encontrar incrustado numa cidade marcada, sobretudo, por um “desarranjo cósmico” (CASTRO, 1968, p.127), este logradouro não despertou análise mais amíuêde ao longo dos anos, não obstante os esforços de alguns autores que buscaram desvelar a real existência das ruas do Recife a partir de suas particularidades.

Chama atenção, nessa perspectiva, os escritos de Mário Sette (1978, p.14) com sua abrangência e modo singular de analisar as histórias pitorescas do Recife antigo, primeiro atentou para pouca investigação a propósito dos becos, chegando a indagar num dos seus livros, o porquê de não falar também sobre eles.

Certo da magnitude de analisá-lo, o presente texto busca trazer à luz o significado do beco na capital pernambucana, partindo da sua origem à permanência desse arruado na cidade. Nessa perspectiva uma revisitação num contexto mais amplo através da cultura popular urbana, notadamente letras de músicas e expressões populares, afora as poesias de Manuel Bandeira e Cora Coralina. Autores que evocaram o beco e através de suas reminiscências, contribuíram para o entendimento desse lugar marginal que em face às características, constituídas por um conjunto de valores e representações, é alvo de depreciações no imaginário da cidade, e, outrossim, de vocações que emanam apego e afeto ao lugar de vivência.

## Os Becos na Cidade de Moldura Líquida

Sendo o Recife uma cidade de planície e também insular, muitas das suas formas ou traços urbanos reproduzem acidentes geográficos. Na verdade, a disposição das três ilhas localizadas no delta dos rios Capibaribe e Beberibe exercem um papel importante na configuração central e inicial da cidade. Com efeito,

A Ilha do Recife, alongada no mesmo sentido geral da costa, com a forma comprida e estreita de velha restinga tem a oeste a da Boa Vista, hoje mal separada do continente por um canal. Ao sudoeste e sul da ilha do Recife e sudeste e sul da Boa Vista, encontra-se a ilha de Santo Antônio, que insinua entre as duas primeiras o ângulo com que termina ao norte. A área situada nesse ângulo (bairro de Santo Antônio), a da parte meridional da ilha do Recife e a do centro leste da Boa Vista constituem o atual ‘centro’ urbano do Recife. Trata-se como se vê, dos lugares de menor distância entre as três terras, isto é, das cercanias dessa espécie de trijunção ou triaproximação de terras ilhadas (MELO, 1958, p. 41).

O fato de o centro da cidade apresentar esta composição fez das pontes uma das suas características mais peculiares. “São várias as que se levantam sobre as águas do Capibaribe (...) dando ao Recife uma fisionomia única entre as cidades brasileiras” (FREYRE, 1968, p. 49), conferindo a cidade encanto e beleza, além de constituir um importante instrumento viário.

Outro traço urbano condicionado pelo sítio fluvial e deltaico do Recife, segundo Melo (1958), é representado pelas ruas e avenidas às margens dos rios, com suas casas de lado único a refletirem-se sobre as águas e a participarem do conjunto (rios, pontes e ruas) pitoresco e embelezador da sua paisagem. Também é singularizada pelos sobrados altos (de três a cinco andares) e estreitos localizados nas áreas mais antigas da cidade. Essas construções de exagerada dimensão frente-fundo, altas empenas e telhado agudo constitui ponto de controvérsia entre os estudiosos no que se refere a sua natureza arquitetônica<sup>1</sup>. Enquanto uns defendem a idéia que resultam da influência holandesa, outros asseguram que a influência é cosmopolita. Todavia, parece haver um consenso<sup>2</sup> quando parcialmente atribuem à fisionomia magra e esguia dos sobrados ao reduzido sítio da cidade (emoldurado pelas águas).

Desse modo, os becos herdaram seu traçado estreito devido, sobretudo, as condições mencionadas do espaço da cidade, já ocupado no início da sua expansão por um expressivo número de equipamentos urbanos, que impossibilitava a construção de vias mais largas. Não por acaso, lembra Freyre (Op. Cit., p. 89), que o “Recife começou a expandir-se em cidade com nomes de ruas e becos”<sup>3</sup>. Estes últimos emanados, no

<sup>1</sup> De acordo com Freyre, os sobrados antigos é um aspecto da influência holandesa num Recife que, direta ou indiretamente, deixou-se influenciar como nenhuma outra cidade do Brasil pela arquitetura mais burguesa desenvolvida pelos europeus do Norte da Europa nas suas cidades de beira-mar’ (Op. Cit., p. 59-60). Em contrapartida afirma Josué de Castro (1954, p. 160) que ‘não parece correto falar-se, no caso dos magros sobrados do Recife, em influência holandesa, quando os há do mesmo tipo em Lisboa, Antuérpia, Amesterdã ou Argel’.

<sup>2</sup> É o caso de Aderbal Jurema (1952) e Josué de Castro (1954) que discordando sobre a influência cultural dos sobrados magros da cidade. O primeiro acredita que seja holandesa, e o segundo universal. Concordam, entretanto que os mesmos são assim devidos, em alto grau, às condições do sítio recifense (falta de espaço).

<sup>3</sup> Segundo relato do filósofo Antônio Pedro de Figueiredo (1992), ao ano de 1857, existia no bairro do Recife treze becos: o do Noronha, o do Abreu, o do Gonçalves, o do Campelo, o das Miudinhas, o do Porto, o de Manuel Antero, o do Valadares, o do Pascoal, o do Teixeira; o Largo, o do Tocolombó e o do Monteiro. Em Santo Antônio, sete becos: da Matriz, do Calabouço, da Travessa da Rua Bela, 1. da Cambôa do Carmo, 2. da Cambôa do Carmo, 3. da Cambôa

dizer de Sette (Op. Cit., p. 14), de “um imperativo de sociabilidade”. Constituído-se, dessa forma, em

comunicações mais curtas e rápidas por necessidades de relações, de visitas, de comércio, de amôres. Ia-se mais depressa por ali, por entre casas. A passagem como serventia pública persistiu na paisagem urbana. Sua fisionomia, seu préstimo, sua figura popular veio dar-lhe o nome. Beco da Viração, do Serigado, da Luxúria, do Sarapatel, do Veras, do Calabouço, da Roda, do Quiabo, das Sete Casas... Cada denominação dessas ressalta uma origem. É uma tela, é um retrato. Tem cor, tem cheiro, tem malícia... (SETTE, Op. Cit., p 14).

Como se sabe, o Recife, a partir das primeiras décadas do século XX, deixou de ser uma cidade limitada, em decorrência de diversas “cirurgias urbanas” no seu território e que permitiram o surgimento de um moderno porto no centro e avenidas no entorno. Desse modo, alguns becos do período colonial sumiram, mas outros permaneceram fazendo parte da fisionomia da cidade.

A propósito, ressalta Castro (1968, p. 127) que essa fisionomia do Recife só pode ser de fato captada quando vista do alto, pois ‘sem a arquibancada móvel dos aviões nunca poderíamos descobrir tôda a graça e encanto dos monumentais saltos das pontes galopando sôbre os rios’. Tampouco ‘todo corpo e tôda a alma da cidade deitada ao longo do Capibaribe...’. Complementa o autor. Pois é desse plano vertical que se faz perceptível a influência das águas dos rios no ajustamento da cidade às formas e contornos dos espaços sólidos. Os bairros na parte insular bem indicam essa situação quando os mesmos se reproduzem em ilhas. Indicando que a cidade ‘teve de ser traçada em quadros de moldura líquida, muitas vezes de belas molduras líquidas que lhe dão seus aspectos mais pitorescos e mais típicos’ (MELO, 1940, p. 145).

Mesmo na área continental, onde a presença dos braços dos rios diminui, continua-se a encontrar o ajustamento da cidade sob a influência da água através dos pântanos e mangues que, ao deixarem os terrenos mais firmes possibilitaram a abertura de ruas, e conseqüentemente, a ampliação do espaço sólido na área urbana.

Essas mesmas áreas ocupadas por pântanos e mangues, outrora abrigaram com maior intensidade, as habitações consideradas sub-normais do tipo mocambo que surgiram no século passado, servindo de moradia aos imigrantes procedentes do interior, aos sem profissão e aos trabalhadores pobres do Recife.

do Carmo e do Falcão; e na Boa Vista, onde a concentração urbana diminuía, encontrava-se apenas três becos: do Capim, da rua Real e do Jacinto (FIGUEIREDO, Op. Cit.).

Entretentes, com o processo de crescimento da cidade e a implantação de políticas modernizantes<sup>4</sup>, intensificou-se o aterro dos manguezais, que resultara na redução das áreas ocupadas pelos mocambos<sup>5</sup> e, por conseguinte, no deslocamento de seus moradores, que foram se favelizando. O mocambo foi para a periferia avançando rumo ao cordão de morros, ladeiras e córregos situados no interflúvio do Capibaribe com o Beberibe, o que suscitou o surgimento de novas habitações, e, doravante, de uma malha labiríntica de becos. Que emergiram a partir de escadarias de morros e de terrenos ocupados pelo desarranjo de habitações típicas da autoconstrução.

Ressalte-se, ademais, que devido à escassez de moradia no Recife, associado ao baixo poder aquisitivo da população e a atuação de proprietários locais, os becos também foram surgindo em terrenos localizados nos fundos de casas residenciais na cidade<sup>6</sup>. Geralmente, os proprietários dessas casas construíram um conjunto de outras, menores e geminadas de única entrada e janela de frente, a partir do alinhamento do oitão<sup>7</sup> deixando, em seguida um corredor estreito ligando as construções à via principal. Constituem, na ordem do dia, espaços pequenos e de infra-estrutura deficiente, marcado pela ausência de serviços de saneamento, telefonia e iluminação pública, afora área de quintais, ou qualquer outro tipo de área livre.

Para um melhor entendimento desta realidade, buscar-se-á resgatar alguns escritos realizados por poetas, mestres e músicos que elegeram os becos a partir de suas lembranças na construção de leituras afetivas e reveladoras de uma situação marginal.

<sup>4</sup> Nesse sentido, a dissertação de Zélia de Oliveira Gominho, **Veneza Americana x Mucambópolis: O Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40)**. Mestrado em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1997, é bastante elucidativa.

<sup>5</sup> Conforme Bitoun (2000, p. 45) o termo *mocambo* foi sendo substituído paulatinamente pelo uso da palavra *favela* importada ‘do léxico urbano do Rio de Janeiro. No Recife, o seu uso generalizado pelos urbanistas mascara grandes diferenças de tipologias construtivas nos lugares pobres. Para estes, o uso da palavra “*favela*” é restrito aos aglomerados de barracos construídos com tábuas, plástico, zinco, lugares estigmatizados de pobreza extrema. Reconhecer-se morador da “*favela*” é aceitar situar-se no mais baixo nível da escala social’.

<sup>6</sup> Ver a propósito, HALLEY, Bruno Maia. **Nos Recantos de um Bairro, a Emergência do Lugar: as Vilas e Becos do Arruda**, Recife-PE. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

<sup>7</sup> ‘Cada uma das paredes laterais da casa, situadas nas linhas de divisa do lote’ (Cf. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*).



## Evocação dos Becos por seus Autores

Sobre os becos, faz-se necessário esclarecer que a literatura científica é exígua. São de uma forma geral, lembrados e cultuados tanto na cultura popular urbana, através de letras de músicas e expressões populares, quanto na poesia de autores como Manuel Bandeira e Cora Coralina.

No “Poema do Beco”, Bandeira (1961, p. 95) revela todo encanto e preferência pelo estreito logradouro elegendo-o em meio a um conjunto de outros elementos tão pitorescos na paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro. Indaga o grande poeta brasileiro: *Que importa a paisagem, a Glória, a baía, a linha do horizonte?* E, responde: *O que eu vejo é o beco.*

Em outro poema, não menos emblemático, “Última Canção do Beco”, através das suas remiscências, o mesmo autor (Op. Cit. p. 125-127) evoca e descreve o Beco das Carmelitas, na capital fluminense.

*Beco que cantei num dístico  
Cheio de elipses mentais,  
Becos das minhas tristezas,*

*Das minhas perplexidades  
(mas também dos meus amores,  
Dos meus beijos, dos meus sonhos,  
Adeus para nunca mais!*

*Vão demolir esta casa.  
Mas meu quarto vai ficar,  
Não como forma imperfeita  
Neste mundo de aparências:  
Vai ficar na eternidade,  
Com seus livros, com seus quadros.  
Intacto, suspenso no ar*

*Beco de sarças de fogo,  
De paixões sem manhãs,  
Quanta luz mediterrânea  
No esplendor da adolescência  
Não recolheu nestas pedras  
O orvalho das madrugadas,  
A pureza das manhãs!  
Beco das minhas tristezas.  
Não me envergonhei de ti!  
Foste ruas de mulheres?  
Todas são filhas de Deus!*

*Dantes foram carmelitas...  
E eras só de pobres quando,  
Pobre, vim morar aqui.*

*Lapa – Lapa do Desterro -,  
Lapa que tanto pecais!*

*(Mas quando bate seis horas,  
Na primeira voz dos sinos,  
Como na voz que anunciava  
A conceição de Maria,  
Que graças angelicais!)*

*Nossa Senhora do Carmo,  
De lá de cima do altar,  
Pede esmolas para os pobres.  
- Para mulheres tão tristes.  
Para mulheres tão negras,  
Que vêm nas portas do templo  
De noite se agasalhar.*

*Beco que nasceste à sombra  
De paredes conventuais,  
És como a vida, que é santa  
Pesar de todas as quedas.  
Por isso te amei constante  
E canto para dizer-te  
Adeus para nunca mais!*

Com semelhante teor sentimental, no poema ‘Becos de Goiás’ Cora Coralina (1980, p. 79-82) descreve em versos impregnados de objetos característicos da vivência cotidiana do interior, os becos históricos da cidade de Goiás na vida cultural da região.

*Beco de minha terra...  
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lado negro, esverdeado, escorregadio.  
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,  
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,  
calçando de ouro a sandália velha,  
jogada no teu monturo.  
(...)*

*Amo e canto com ternura  
Todo o errado da minha terra.*

*Becos da minha terra,  
Discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...  
Beco do Cisco.*

*Beco do Cotovelo.  
Beco do Antônio Gomes.  
Beco das Taquaras.  
Beco do Seminário.  
Bequinho da Escola.  
Beco do Ouro Fino.  
Beco da Cachoeira Grande.  
Beco da Calabrote.  
Beco do Mingu.  
Beco da Vila Rica...*

*Conto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal afamados  
onde família de conceito não passava.  
"Lugar de gentinha" – diziam, virando a cara.  
De gente do pote d'água  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.*

*Renegadas, confinadas  
Na sombra triste do beco.  
Quarto de Porta e janela.  
Prostituta anemiada,  
Solitária, hética, engalicada,  
Tossindo, escarrando sangue  
Na umidade suja do beco*

*Becos mal assombrados.  
Becos de assombração...*

*(...)  
Mulher-dama. Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas,  
depois, baixavam para o beco.  
Queriam alegria.  
Faziam bailaricos.  
- Baile Sifilítico – era ele  
assim chamado.*

*O delegado-chefe de Polícia  
– brabeza –  
dava em cima...  
Mandavam sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada a navalha,  
obrigadas a capinar o  
Largo do Chafariz,  
na frente da Cadeia.*

*Becos da minha terra...  
Becos de assombração.  
Românticos, pecaminosos...  
Têm poesia e têm drama.*

É importante observar que a despeito da ligação afetiva que ambos os poetas demonstram em relação ao beco, há sobre ele um outro olhar que o enxerga como um 'lugar marginal'. Caracterizado, sobretudo, pelo descaso, miséria, violência, prostituição e insalubridade. A título de exemplo, em um outro poema Beco da Escola, a mesma Cora Coralina (Op. Cit., p. 81) vai descrevê-lo numa outra perspectiva:

*Um corricho, de passagem,  
um dos muitos vasos comunicantes  
onde circula a vida humilde da cidade  
(...)  
Bem estreito e sujo  
como compete a um beco genuíno.  
Esquecido e abandonado,  
no destino resumido dos becos,  
no desamor da gente da cidade.*

No caso do Recife, igualmente percebe-se tal concepção de beco ao observar letras de músicas que se referem a cidade. Na canção *Manguetown*, do álbum *Afrociberdelia* de 1996, o músico pernambucano Chico Science e sua *Nação Zumbi*, descreve o beco como algo inerente ao lado 'sujo' do Recife, com a seguinte mensagem: "Andando por entre os **becos** / andando em coletivos / nem ninguém foge o cheiro sujo da lama da Manguetown / andando por entre os **becos** / andando em coletivos / ninguém foge a vida suja dos dias da Manguetown".

Em disco anterior, *Da Lama aos Caos* (1994), o mesmo Science na canção *Banditismo por uma Questão de Classe*, descreve alguns elementos da periferia

do Recife, sem, no entanto, esquecer o beco: “Oi sobe morro, ladeira, córrego, **beco**, favela / a polícia atrás dele e ele no rabo dela...”

Essa temática da violência urbana associada à idéia de espaço noturno, também fora explorada pelo músico Herbert Viana na cidade do Rio de Janeiro. No disco *Bora, Bora dos Paralamas do Sucesso* de 1988, ele reitera a concepção marginal do estreito logradouro cantando que “no beco escuro explode a violência / no meio da madrugada”.

Todavia, há uma outra perspectiva elaborada por alguns geógrafos, que o apreende como uma “explosão” a vida. Nesse sentido, a despeito dos bairros ricos das grandes cidades, onde os homens vivem juntos sem saber sequer quem é seu vizinho,

Nas ruas e becos densamente povoados dessas mesmas cidades todos se conhecem bem e se encontram em contato contínuo. Naturalmente, nos becos, como em todas as partes, as pequenas rixas são inevitáveis, mas também se desenvolvem relações segundo as inclinações pessoais, e dentro destas relações se pratica a ajuda mútua em tais proporções que as classes mais ricas não tem idéia (SOUZA, 1989, p. 139).

Nessa mesma direção, ao tratar dos becos da cidade de Fortaleza, ressalta Silva (2001, p. 76) que em tais lugares ‘encontra-se algo de genuíno, que faz da cidade única, e que, ao mesmo tempo, lhe dá mais sentido’. Consequentemente, ‘nos becos a alma da cidade é vivida e forte’ (Op. Cit., p. 76). Estas distintas afirmativas a propósito dos becos mostram-se reais quando se observam os arruados do Recife, enclaves de elevada sociabilidade estigmatizados no imaginário da cidade.

## **Um Endereço no Imaginário da Cidade do Recife**

Na sua totalidade, o Recife apresenta-se mal iluminado. Com efeito, no centro da cidade, excentuando as pontes com sua iluminação ‘decorativa’ e os fiteiros com sua luz ‘informal’, as ruas são em grande parte todas escuras. Principalmente, os becos que por serem estreitos, a incidência de luz é menor e desprovidos de maior atenção municipal tornam-se perigosos. O que estigmatiza-os dentro do imaginário da cidade como um recanto escuro, sinistro, sombrio ou até mesmo “mal-assombrado”, conforme revela Coralina (Op. Cit., p. 81) nos seus poemas sobre Goiás Velho. Ou também Gilberto Freyre (2008), no seu livro *Assombrações no*

*Recife Velho*, quando narra uma estória sobrenatural a partir da *Casa de Esquina do Beco do Marisco*, hoje Rua de Frei Henrique, no lendário bairro de São José.

Essa imagem do beco como recanto escuro de vida noturna, também fora observada por Pesavento (2001, p. 115) ao comentar os extintos becos da área inicial de Porto Alegre. Nesse trabalho, a historiadora afirma que os discursos no final do século XIX sobre estes arruamentos tem “como referência a temporalidade da noite”. Onde, o beco, é

Um espaço noturno e escuro, propriedades às quais se acrescentam as dimensões do acanhamento, abafamento e desorganização, sendo, por decorrência, feio, sujo, fétido e perigoso, pois nele se concentram às sociedades condenáveis (PESAVENTO, 2001, p. 115/116).

Dessa forma, dificilmente havia outro logradouro público tão mal afamado na capital gaúcha. A permanência parcial desse discurso no Recife associado a vocação popular do beco sugeriu uma série de expressões utilizadas no dia-a-dia pelos cidadãos. Nesse sentido, o sujeito que se encontra numa dificuldade insuperável, logo se vê num “beco sem saída”, uma alusão a definição do beco no sentido topográfico entendido como “rua estreita e curta, geralmente fechada num extremo”<sup>8</sup>.

Outra expressão diz respeito a despedida, o indivíduo que precisa se ausentar estar “desocupando o beco” ou “desinfetando o beco”. O mesmo de ir “pegar o beco”, no caso do Recife. Semelhante a este, há aquele relativo ao cheiro forte de perfume, onde o aroma se “pega no beco”. São algumas falas comuns do cotidiano que denotam ao arruado “seu préstimo, sua figura popular” (SETTE, Op. Cit., 14) dentro da cidade.

Prova marcante dessa realidade é a toponímia popular do Recife, que apesar dos esforços da linguagem municipal de não incorporá-la, ainda preserva nesse tipo de passagem pública os seus nomes de origem. A exemplo do Beco da Fome, no Bairro da Boa Vista, referência gastronômica da boêmia do centro, ou da Rua das Flores, em Santo Antônio, mais conhecida como Beco do Relojoeiro, em função da concentração desses profissionais no espaço público. Outro exemplo é a Travessa de São Pedro, no bairro de São José, reconhecida pela prefeitura como o Popular Beco do Veado Branco, em decorrência da ação dos cidadãos que ergueram no local uma representação deste animal.

<sup>8</sup> (Cf. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*).

Nesse mesmo bairro ainda existem os tradicionais Beco do Marroquim e do Sirigado. O primeiro, inicialmente, apresenta-se como rua transversal do Cais de Santa Rita até a Rua da Praia. Desta rua até a Rua do Rangel ele se estreita, tomando formato de beco até a Rua da Penha. Neste último trecho (da Rua do Rangel a da Penha), há um poema fixado num painel de azulejo em homenagem a uma antiga usuária do beco (a pedinte Maria), afora um comércio de retalho, marcado por tecidos bordados que faz lembrar o “cenário oriental” descrito por Castro (1968, p. 14) e Freyre (1968) para o bairro de São José<sup>9</sup>.

O segundo beco, igualmente mostra-se estreito, seguindo-se assim desde a Rua das Calçadas até a Rua Direita. É descrito no letreiro público como Travessa do Sirigado. Aqui, faz-se necessário lembrar que a palavra travessa, no sentido de rua, designa um caminho estreito e curto de sentido transversal entre duas outras mais importantes<sup>10</sup>. Noção semelhante a de beco, cujo uso vem sendo mais empregado pelo poder municipal para nomear este tipo de arruamento. O que resulta numa tentativa de arrefecer a palavra beco da toponímia do Recife, afora o seu complemento fruto do sentimento coletivo dos habitantes de pertencerem a uma localidade.

A título de exemplo, na área continental da cidade, o Beco da Beliscada, que integra o conjunto de ruas da feira livre do bairro de Água Fria, tem sua origem atrelada ao costume da população em “beliscar”, com as pontas dos dedos, uma porção mínima de alimentos ali expostos. Daí o seu nome, que em nada lembra o “oficial”, Travessa do Dowsley, este uma referência anônima para os transeuntes do bairro.

Essa prática municipal de mudar os nomes de ruas e becos no Recife, segundo o historiador Raimundo Arrais (2004, p. 170), iniciou-se efetivamente

<sup>9</sup> Em seu ensaio sobre o Recife, Josué de Castro (Op. Cit. p. 14) descreve a cidade como um mosaico de feições mundiais (européias, asiáticas e africanas), onde o bairro de São José é “quase suburbano, inteiramente diferente, com suas ruas atropeladas, enoveladas, com suas casas em promiscuidade, (...) com seu comércio de artigos baratos, com preços apregoados nas portas por árabes e turcos. Ruas estreitas, becos, travessas. Confusão. O aperto da Rua Direita e da Rua do Livramento. Cenário Oriental”. De forma semelhante, Gilberto Freyre (Op. Cit., p.155) no seu guia prático a respeito do Recife, afirma que no Bairro de São José, a cidade se orientaliza com o comércio mais barato nas “ruas que cheiram a comida e a café se torrando; a temperos; a coentro; a incenso que vem de dentro de Igrejas que dão para a rua; a mungunzá se comendo dia de domingo a alfazema em casa que tem menino nôvo.

<sup>10</sup> (Cf. Aurélio Buarque de Holanda FERREIRA, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*).

na segunda metade do século XIX, com o objetivo de moldar a cidade aos imperativos do progresso a partir de uma “reconversão toponímica” do espaço público, que precisava participar da formação da sociedade ilustrando e recordando épocas e feitos históricos.

Um dos seus precursores fora o filósofo Antônio Pedro de Figueiredo, que insatisfeito com os nomes das ruas do Recife de sua época, especialmente dos becos, chegou a declarar: “os nomes entre nós não tem significação histórica, eram aberrações como Beco do Peixe Frito”, dizia o filósofo<sup>11</sup>. Em outra passagem, no ano de 1857, o mesmo refere-se ao antigo Beco das Miudinhas, no bairro do Recife, como aquele “cuja denominação é tão absurda como outras muitas” (1992, p. 178). Mais adiante, por outro lado, descreve o Beco do Calabouço, em Santo Antônio, como extenso, derivando

o seu nome de uma casa que antigamente servia de prisão e ainda hoje existe; é um próprio nacional e, segundo uma inscrição aberta em uma pedra, cravada na parede da frente do edifício, vê-se que ele foi construído no ano de 1786, sendo governador civil e militar D. José César de Menezes (FIGUEIREDO, 1992, p. 184).

Outros becos e ruas, no entanto, não se enquadravam no sentido do “próprio nacional” daquele período, e tiveram que mudar de nome a partir de 1866, devido a ações de vereadores e do recente Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano que buscava homenagear os heróis e eventos do estado através dos espaços da cidade. Fora o caso, por exemplo, do já citado Beco das Miudinhas, que virou Rua dos Mascates, do Beco da Lingueta, transformado em Rua Tomé de Souza, do Beco do Marisco, atual Rua de Frei Henrique, e do Beco dos Ferreiros, que se tornou Rua 7 de Setembro, todos nos bairros centrais do Recife.<sup>12</sup>

Dessa forma, materializaram-se as concepções discriminatórias ao beco, numa cidade que buscava se modernizar eliminando feições coloniais e tropicais do seu traçado urbano. Logo, a palavra beco fora apregoada como um nome do passado, que rememorava a limitação urbana do Recife face a grandeza das ruas largas, praças ajardinadas e edifícios monumentais almejados pelas elites locais naquele momento.

<sup>11</sup> De acordo com José Antônio Gonçalves de Mello, no seu livro *Diário de Pernambuco: Economia e Sociedade no 2º Reinado*, 1996, página 439.

<sup>12</sup> Conforme Arrais (Op. Cit.), respaldado nas informações do Diário de Pernambuco de 28 de julho e 20 de agosto de 1870.



Na ordem do dia, com a especulação imobiliária e a valorização do uso do solo, essa realidade se intensificou. Nesse sentido, a despeito da sua vocação popular, poucos são aqueles indivíduos da cidade que admitem morarem num beco, seja por razões discriminatórias, seja por motivos que conferem status. Sendo assim, o beco se assoma a outros lugares cuja designação está atrelada ao descaso da população, ou conforme prefere Coralina (Op. Cit., p. 81) ao “desamor da gente da cidade”.

### Buscando Saída no Beco (Notas Finais)

Desprovido da preocupação de esgotar o tema ou mesmo empreender uma análise mais profunda, este ensaio teve como objetivo central entender e desvendar o beco a partir do imaginário da cidade do Recife. Nesse sentido, uma análise no contexto mais amplo, utilizando-se de letras de músicas e de poemas de autores consagrados, afora observações *in loco* pelas ruas da cidade, mostrou-se necessária devido a relativa escassez de literatura científica a propósito desses arruamentos.

Entretanto, mesmo com a pouca oferta de trabalhos sobre eles, fora possível constatar nesse exercício preliminar que o sentido da palavra beco transborda os limites topográficos de sua acepção. Na verdade, a palavra vai além da concepção de rua estreita fechada num dos extremos, para designar, num sentido social, toda aquela rua escura, estreita, e suja e, por conseguinte, esquecida pelo domínio público destinada aos mais humildes e marginais da cidade.

Assim, o beco é estigmatizado como um dos lugares condenáveis, onde se concentram as classes menos abastadas, mas também, onde se “encontra algo de genuíno, que faz da cidade única, e que, ao mesmo tempo, lhe dá mais sentido” (SILVA, Op. Cit., p. 76). Daí que se encontra a alma da cidade e, por conseguinte, a saída no beco.

### Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Manuel. Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1961.

BITOUN, Jan. “Territórios do diálogo: palavras da cidade e desafios da gestão participativa no Recife (Brasil)”. In: Revista de Geografia. vol. 16, n. 2, jan/dez. 2000. Recife: UFPE/CFCH/DCG/NAPA, 2000. p. 41-54.

CASTRO, Josué de. “A cidade”. In: Documentário do Nordeste. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. 13-17.

\_\_\_\_\_. “A perspectiva ideal de uma cidade”. In: Documentário do Nordeste. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1968. p. 125-128.

\_\_\_\_\_. A cidade do Recife. Ensaio de geografia urbana. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

CORALINA, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais. 3 Ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980.

FIGUREIDO, Antônio Pedro. “O Recife em 1857”. In: DANTAS, Leonardo (Org.). O Recife – quatro séculos de sua paisagem. Recife: Massangana, 1992. p. 167-192.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREYRE, Gilberto. Assombrações do Recife velho - Algumas notas históricas e outras tantas folclóricas em torno do sobrenatural no passado recifense. 6 Ed. São Paulo: Global Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.

GOMINHO, Zélia de Oliveira. Veneza Americana x Mucambópolis: O Estado Novo na Cidade do Recife (Décadas de 30 e 40). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1997.

HALLEY, Bruno Maia. Nos recantos de um bairro, a emergência do lugar: as vilas e becos do Arruda, Recife-PE. Monografia (Bacharelado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005.

JUREMA, Aderbal. O sobrado na paisagem recifense. Recife: Editora, 1952.

MELLO, José Antônio Gonçalves de. Diário de Pernambuco: economia e sociedade no 2º reinado. Recife: Ed. Universitária, 1996.

MELO, Mário Lacerda de. Paisagens do Nordeste em Pernambuco e Paraíba – Guia da Excursão n. 7, realizada por ocasião do XVIII Congresso Internacional de Geografia. Rio de Janeiro: CNG, 1958.

\_\_\_\_\_. Pernambuco: traços de sua geografia humana. Recife, Gráfica Jornal do Comércio, 1940.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Era uma vez o beco: origens de um mau lugar”. In: Palavras da Cidade. Rio Grande do Sul: Ed. da Universidade, 2001. p. 97 a 120.

SETTE, Mário. Arruar, história pitoresca do Recife antigo. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1978.

SILVA, José Borzacchiello. Nas trilhas da cidade. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. “O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem Política”. In: Revista Brasileira de Geografia. v. 51, n.2, abr/jun. Rio de Janeiro, 1989. p. 139-172.